



TEXTOS LITERÁRIOS NO PROCESSO DE LETRAMENTO: REFLEXÕES ACERCA DA FORMAÇÃO DO JOVEM LEITOR

Prof^a. Mestranda Ana Lúcia Almeida de Oliveira
Prof. Me. Jakson José Gomes de Oliveira
Prof^a Doutoranda. Ivana de Oliveira Gomes e Silva

*Universidade Federal do Pará - luciaufpa@bol.com.br
Secretaria de Estado de Educação/Universidade do Estado do Pará - jak.son@bol.com.br
Universidade Federal do Pará/FCT-UNESP - ivanaogs@ufpa.br*

RESUMO

O presente estudo é parte de uma pesquisa em andamento do Grupo de Estudo Dialética, Educação e Cultura – Campo e Cidade da Universidade Federal do Pará no Campus de Altamira (GEDEC-CC/UFPA), tem por objetivo apresentar elementos indicativos relacionados à contribuição dos textos literários no processo de letramento como recurso propício à formação do jovem leitor. Para metodologia adotamos a perspectiva dialética, e como procedimentos a pesquisa Bibliográfica e, posteriormente a pesquisa Empírica. Quanto às técnicas para a coleta de dados, utilizaremos a observação participante em uma turma do 6º ano de uma escola pública do Município de Altamira/PA. O aporte teórico se constitui a partir da concepção de alguns estudiosos, dentre eles: Soares (2004), Marcuschi (2005), Zilberman (2003) e Costa (2007). A dificuldade de leitura existe por todo o território nacional, alunos que se formam e mal sabem ler pequenos textos, conforme atestam testes nacionais e internacionais como o PISA, Programa Internacional de Avaliação de alunos, que apresenta dados inquietantes acerca da aprendizagem dos alunos no ensino fundamental maior. Vários estudos enfatizam a literatura como ponto de partida para a formação de leitores e, tanto a escola quanto o professor desempenham um papel relevante para despertar no aluno o prazer pela leitura. Desse modo, os gêneros literários podem ser um importante instrumento de aprendizagem no processo de letramento, principalmente no que concerne a aquisição da leitura e da escrita, pois não se trata apenas de instrumentos de uso da língua, mas também de instrumentos que favorecem a formação do leitor.

Palavras-chave: Letramento, Texto literário, Formação de leitores.

INTRODUÇÃO

A busca e a oferta de informação em nossa sociedade tem sido um processo cada vez maior, veloz e necessário. A leitura é uma das principais vias para acessar essas informações. Em alguns casos, crianças chegam à escola sabendo ler, em outros, para a grande maioria, esse processo inicia-se exclusivamente no ambiente escolar. Nesse contexto, percebemos que muitas vezes a escola não está adequadamente voltada para fazer frente a essa realidade, tanto nos espaços físicos, geralmente inadequados à leitura, como na condução do ensino e na aplicação de métodos pedagógicos eficientes.

Diversos estudos apontam que os resultados negativos são evidenciados nas próprias salas de aula, quando se encontram crianças na mesma série que sabem ler e outras que não conhecem os códigos. Boa parte das escolas não possui bibliotecas, muito menos acervos

atualizados. Mesmo as que possuem uma sala de leitura ou biblioteca, na maioria das vezes, não têm um funcionário qualificado, não desenvolvem projetos que enfatizem a importância da leitura.

Muitos dilemas são demonstrados por profissionais das séries iniciais em relação à leitura. Alguns se veem perdidos diante dessa questão. De fato, uma das reclamações dos professores das séries iniciais é o fator leitura. Para muitos, esse é o elemento determinante para que a criança esteja inserida ou não naquela série. Outro dilema é a cobrança que esses profissionais enfrentam tanto na escola, por seus supervisores e coordenadores pedagógicos quanto por parte dos pais. Existe uma tendência de educadores das séries posteriores ao período de alfabetização atribuírem a responsabilidade da aquisição da leitura para a série anterior, criando um nó difícil de se desfazer sem uma intervenção qualificada. Entretanto, cabe a escola, pais e comunidade escolar equacionar e superar os problemas dessa realidade.

Diante do exposto, o presente trabalho, ainda em andamento, tem como objetivo apresentar elementos indicativos relacionados à contribuição dos textos literários no processo de letramento como um recurso propício à formação do jovem leitor, uma vez que por meio das obras literárias as crianças e adolescentes podem despertar o gosto pela leitura, abrindo novos caminhos para os conhecimentos de um novo mundo. Os textos literários possibilitam isso através, dentre outros, dos contos de fadas, das lendas, das histórias em quadrinhos e dos mitos, pois estes são elementos que podem auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem, principalmente no que diz respeito à aquisição da leitura e da escrita, muitas vezes, desconsiderados por educadores nas práticas de ensino que envolve a alfabetização e o letramento.

Nessa perspectiva, a Literatura Infanto-juvenil tem sido considerada por muitos estudiosos como uma poderosa ferramenta no processo de formação de leitores por despertar um interesse muito grande nas crianças e adolescentes, devido às ilustrações, formas de narrativas e representações da realidade. Dessa forma, adotar textos literários no processo de letramento poderá tornar-se um fator relevante no processo de formação de jovens leitores.

METODOLOGIA

Tartuce (2006) aponta que a metodologia científica trata de método e ciência. Método (do grego *methodos*; *met'hodos* significa, literalmente, “caminho para chegar a um fim”) é, portanto, o caminho em direção a um objetivo; metodologia é o estudo do método, ou seja, é o corpo de regras e procedimentos estabelecidos para realizar uma pesquisa; científica deriva de

ciência, a qual compreende o conjunto de conhecimentos precisos e metodicamente ordenados em relação a determinado domínio do saber. Metodologia científica é o estudo sistemático e lógico dos métodos empregados nas ciências, seus fundamentos, sua validade e sua relação com as teorias científicas.

Como metodologia, no sentido norteador do percurso, elegemos a dialética. Nosso entendimento se vale de uma citação de Adorno (1998, p. 22), para quem: “Dialética significa intransigência contra toda e qualquer reificação”. Pelo dito, se pode explorar as muitas possibilidades de uma crítica dialética, para Adorno, a verdadeira crítica. A pesquisa articulará procedimentos de pesquisa bibliográfica e pesquisa empírica, no primeiro momento realizamos leitura do aporte teórico de autores como: Soares (2004), Marcuschi (2005), Zilberman (2003), Costa (2007) que dão suporte ao referencial; quanto à pesquisa de campo, será o próximo passo, planejado para se basear no procedimento observação participante em uma turma de 6º ano de uma escola pública do Município de Altamira/PA, dessa forma, compreendemos que esta nos permitirá entender e desenvolver os conceitos acionados, partindo da apropriação da realidade. É nesse prisma que este trabalho pretende demonstrar a relevância dos textos literários no desenvolvimento do letramento escolar por tratar-se de um dos processos que envolvem aspectos linguísticos, textuais e discursivos importantes na construção do conhecimento e na formação de leitores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. ENSINO DE LÍNGUA MATERNA E A PRÁTICA DO LETRAMENTO

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o foco de discussão, no que se refere ao ensino da língua, tem sido a questão da leitura e da escrita, apontadas como precursores do fracasso escolar contidas em dois grandes gargalos onde se acentua o maior índice de repetência: no final da primeira série, por dificuldades enfrentadas pelo professor em alfabetizar; e na quinta série (atual sexto ano), quando o aluno não consegue garantir o uso eficaz da linguagem, o que evidencia a necessidade de se rever o ensino de Língua Portuguesa, com o objetivo de que eles adquiram paulatinamente “[...] uma competência em relação à linguagem que lhes possibilite resolver problemas da vida cotidiana, ter acesso aos bens culturais alcançar a participação plena no mundo letrado”. (BRASIL, 1997, p.41).

Durante muito tempo o trabalho com a língua materna consistia em ensinar o domínio de regras e normas estabelecidas pelo ensino tradicional e a linguagem era vista apenas como expressão e instrumento individual. Com o passar dos anos essa concepção vem se alterando e

ganhando uma nova característica, agora a linguagem consiste também nas ações entre indivíduos, um espaço de interação que possibilita aos sujeitos de uma sociedade a prática dos mais diversos atos. E o ensino que antes se resumia a memorização da gramática por meio de exercícios de análise e classificação de frases soltas, agora desafia a escola a refletir o seu papel e a levar o aluno a atingir um grau cada vez maior de letramento. Mas, em que consiste o Letramento?

Kleiman (2005, p. 20) enfatiza que o letramento possui duas dimensões: uma individual e uma social. A primeira diz respeito à prática de letramento ocorrida no contexto escolar e estaria atrelada à alfabetização, visto que, nesse contexto, para que o aluno seja considerado letrado, ele teria de ter adquirido a habilidade de leitura e escrita. Já a segunda - prática social - seria aquele desenvolvido em outras agências, como a família, a igreja, a rua etc.

Nessa segunda dimensão o letramento não está ligado à alfabetização, pois para que um sujeito seja considerado letrado não necessariamente teria que saber ler e escrever, bastaria apenas que ele tivesse a competência para extrair significado da escrita, por exemplo, “[...] o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro, identifica o ônibus que deve tomar, sabe distinguir mercadorias pelas marcas etc.”. Está em estado de letramento, esclarece Marcuschi (2010, p.25), pois letrado, na visão deste autor é todo sujeito que participa de eventos de letramento sem, necessariamente, fazer uso formal da escrita.

Para Soares (2004, p. 24), o letramento pode ser entendido como “o processo de apropriação da cultura escrita fazendo um uso real da leitura e da escrita como práticas sociais”, é um processo que a criança desenvolve a partir do momento que aprende a ler e a escrever e realizar as práticas sociais que necessitam da escrita, ou seja, é quando o aluno passa a conviver conscientemente com as diferentes situações existentes na sociedade e que exige a escrita para fazerem uso delas.

Diante disso, por que não pensar os textos literários como um relevante recurso nesse processo e na formação de leitores? Considera-se que por meio deles a criança pode buscar compreender uma história, bem como a linguagem, que é o principal mediador entre ela e o mundo em que vive, proporcionando assim o prazer pela leitura e pela descoberta de um mundo de fantasia na história e na aquisição da construção de conhecimentos e de saberes, pois, por meio dela, é possível levar o discente a criar e compor pequenos textos, de diversos tipos de produção literária, como: poesia e prosa, conduzindo os sujeitos a estudarem diversos

autores e suas obras, contribuindo para o letramento e, conseqüentemente, ao seu desenvolvimento linguístico e na formação do leitor.

2. AS FUNÇÕES E OS GÊNEROS DA LITERATURA

É comum verificar na literatura, características como narrativa movimentada, um discurso direto, ilustrações e na maioria das vezes, finais felizes. Tais características são enfatizadas por alguns estudiosos como sendo o principal motivo que esse tipo de literatura atrai tanto as crianças, além desse tipo de discurso provocar nelas a busca por uma aproximação do imaginário, da fantasia e da realidade.

Zilberman (2003), enfatiza ainda que, a função da literatura é fornecer para a criança a possibilidade de conhecer e aprender através de seus vários gêneros, também acrescenta que a escola pode proporcionar o contato do aluno com diversas obras literárias.

Os diferentes gêneros literários contribuem ao desenvolvimento da leitura e escrita das crianças e jovens, além de proporcionar reflexões de ordem moral, como podemos citar no caso das fábulas. Trata-se de uma narrativa de origem popular, de composição ilustrada, que demonstra uma narrativa moral, uma virtude e um ensinamento. É através do uso desse gênero que alguns educadores buscam ensinar seus alunos na tentativa de despertar nas crianças o desejo e o interesse pela leitura, além de discutir temas transversais, como os conteúdos de Ética e cidadania. No entanto, não só as crianças gostam de ler poesias, mitos, contos de fadas, fábulas, lendas, entre outros; os adultos também gostam, pois trazem fatos e conhecimento de tempos passados ou de fantasias. Daí a relevância em resgatar esses gêneros, pois facilitam no processo de alfabetização, ante a sua capacidade de interação e curiosidade que despertam.

3. OS GÊNEROS LITERÁRIOS COMO RECURSO PARA O LETRAMENTO E SUA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO DO LEITOR

A literatura destinada às crianças e jovens desde as origens serviram à pedagogia escolar para ensinar valores, bons costumes e persuadir, todavia, a demanda específica para o mercado editorial tem evoluído muito com o tempo, pois antigamente as crianças liam livros clássicos voltados para perfis de leitores adultos. Mais adiante, foram surgindo os livros infantis e juvenis, para atender a esses grupos. Vale ressaltar que alguns contos e livros clássicos sofreram adaptações para atingir os interesses e o perfil do atual público infantil e juvenil. O discurso literário, portanto é histórico, dialético, dinâmico.

O discurso literário dramatiza a linguagem como nenhuma outra modalidade expressiva o consegue; e, assim, alcança os mais diferentes tons, os mais diferentes ritmos, entrelaçando fios, entrecruzando tessituras, compondo a trama das relações com que (e isto é possível) religar os saberes, vislumbrar as relações das partes com o conjunto, o destino dos que pensam com racionalidade e emoção. (SILVA, 2008, p. 39)

Ao ressaltar a importância da literatura para a modificação da linguagem dos leitores, o autor destaca que, a partir da leitura, os indivíduos buscam novas formas de expressar seu entendimento acerca do que estão lendo e vivenciando. Daí o porquê de alguns estudiosos entenderem por literatura todo texto que provoca a imaginação. Há vários tipos de textos, alguns podem ser apenas informativos, mas o texto considerado como criação literária estimula o imaginário. Todos os objetos, instrumentos, fatos presentes num texto literário podem fazer daquilo que é real algo misterioso, fantasioso e imaginário. Normalmente, esses tipos de textos levam o leitor a criar conceitos, compreender sentimentos e sentir sentimentos próprios do autor.

Para Marcuschi (2005), com o advento da globalização, conseqüentemente de novas tecnologias da área da comunicação, novos gêneros textuais surgiram nas atividades comunicativas diárias. Assim, a *internet*, a televisão, os celulares, dentre outros, possibilitaram a propagação de outros gêneros: chats, videoconferências, teleconferências, etc. No entanto, é importante frisar que cada um apresenta características que os distingue uns dos outros, tanto na forma como no conteúdo, criando novos formatos de expressão, conforme destaca Porto (2009), implicam alterações importantes, pois acrescentam elementos como,

O conteúdo temático que se torna dizível por meio deles; as modalidades discursivas ou estruturas tradicionalmente conhecidas como narrativa, descritivas, argumentativas, expositivas, procedimentais, exortativas, etc.;
O estilo ou configurações específicas das unidades de linguagem aspectos formais e estruturais do texto oral ou escrito (PORTO, 2009, p. 41).

Portanto, o que define a escolha do gênero textual é a necessidade imediata dos sujeitos, seus objetivos e sua intenção no ato da comunicação. Nos expressamos e escrevemos de diferentes formas em cada situação de interlocução. No entanto, precisamos ficar atentos aos diferentes gêneros que vão se estabelecendo socialmente e fazer uso em sala de aula como recurso para o Letramento, sejam eles, dentre outros, de cunho argumentativo (anúncio publicitário, resenha crítica, artigo opinativo), expositivo (texto informativo, aula expositiva, tomada de notas), narrativo (história em quadrinhos, fábula, novela). De acordo com os PCN's,

[...] os gêneros devem ser vistos como arcabouços cognitivo-discursivos ou enquadres enunciativos determinados pelas

necessidades temáticas das diversas práticas sociais, pelo conjunto dos participantes de tais práticas, de suas relações sociais e de seus propósitos enunciativos (BRASIL, 1997, p. 163).

Desse modo, observamos que os enunciados se baseiam em gêneros, e para que haja comunicação entre os falantes é necessário recorrer à memória na busca de textos já existentes (os intertextos) e adapta-los à situação em se encontra, exemplo de uma situação, é a escrita de uma carta comercial, ou seja, recordar os traços formais de uma carta (a escrita em primeira pessoa, a interpelação do interlocutor ao qual a carta se dirige, a forma de como iniciar e terminar a carta etc.). Essa é somente uma exemplificação, dentre várias, que poderiam ser realizadas e que nos permitem destacar o papel central dos gêneros no desenvolvimento da linguagem (competência textual) e da prática do letramento.

Existem diferentes formas de leitura que variam de contexto, de motivos, de comportamentos e intenções. Há pessoas que buscam a leitura para informação, outras como lazer e entretenimento, assim como aquela que tem pela leitura uma necessidade diária. Sabe-se que o processo de ler faz parte da ação docente e discente e que ambas visam formar e ser leitores, por isso o uso da literatura e de outros tipos de textos é fomentar o ato de ler, é mostrar as vantagens que a leitura permite a qualquer indivíduo.

Para Costa (2007, p. 22), a literatura tem “três vertentes: a da abrangência, a da relação comunicativa e a dos objetivos da formação de leitores”. No que tange a vertente dos objetivos da formação de leitores, a autora enfatiza o estímulo para a linguagem, pensamentos e a imaginação. Da qual, esclarece que o contato com a literatura permite a aprendizagem da linguagem escrita no processo de letramento, além de leituras que possibilitam a aquisição de valores, análise de comportamentos e tudo mais que a imaginação permitir.

Outro fator interessante em relação aos conceitos abordados por Costa (2007), diz respeito à literatura como forma de conhecimento e como finalidade utilitária. Com relação à forma de conhecimento - são textos que têm caráter informativo, ao trazerem conhecimentos e informações para a vida prática. Já no que tange a finalidade utilitária é o tipo de leitura que propicia informações, sendo estas uma reafirmação do mundo e conceitos já adquiridos, ou seja, é apenas a reprodução e conformação de informações já percebidas.

A leitura tem várias finalidades, objetivos e objetos. É importante o educador saber diferenciar isso, além de mostrar aos alunos a intenção de cada ação, da qual, ao trabalhar com texto literário é preciso distinguir os tipos, de acordo com Costa (2007, p. 31) “existem dois tipos – o moralizador e o imaginário – para conseguir formar um leitor capaz de lidar, simultaneamente, com o prazer de ler e com a leitura significativa”.

A partir desse conceito, percebemos variações do ato de ler, que requer uma postura do educador quanto a isso, assim como a questão da possibilidade de liberdade e amadurecimento da personalidade que os textos infantis e juvenis promovem. Para tanto, é preciso que a escola disponibilize um ambiente atraente com livros que estejam sempre acessíveis, tanto no plano físico, em uma altura ideal para as crianças manusearem, quanto no planejamento das atividades de ensino, com horários adequados para os momentos de leitura.

3.1 Fases da leitura no ensino fundamental

A criança aprende a ler em diferentes contextos, em alguns casos a leitura inicia no lar, da qual os pais incentivam e adiantam esse processo. Tal processo também acontece gradativamente, isso requer um cuidado do educador na escolha dos livros e textos na realização das atividades voltadas a cada fase escolar.

Costa (2007) aborda as fases da leitura ao longo do ensino fundamental, distinguindo-as em quatro tópicos, a saber: a primeira fase, segunda fase, terceira fase e outras fases.

No que tange a primeira fase, a autora aborda a facilidade da criança na pré-escola, para textos curtos e com rimas, pois nesta fase a criança observa mais as ilustrações e gravuras do que a linguagem escrita. Isso favorece ao educador estimular e aproveitar esse interesse para iniciar o processo de leitura, por exemplo, a partir de alguns recursos como televisão, jogos didáticos e rádio, favoráveis para despertar na criança o ato de ler ou ouvir frases ou, ainda, pequenos textos que tais recursos oferecem. É importante ressaltar a atuação do educador nessa fase em direcionar e saber estabelecer os objetivos com determinadas leituras. Segundo Costa (2007, p. 102), “É preciso lembrar que mais importante do que todas as atividades é o exemplo do professor, que estabelece uma imagem e uma atitude a serem observadas e seguidas”.

Com relação à segunda fase, refere-se à alfabetização, momento em que normalmente as crianças começam a decifrar códigos escritos e já fazem leitura silábica e de palavras. Nessa fase, a autora enfatiza a importância de também usar livros e textos literários, pois a imaginação da criança ainda está em alta, e os textos com discursos literários favorecem a imaginação, fantasia, sonhos, comparações com a realidade.

A terceira fase, sendo considerada a fase que inicia a formação do leitor, um momento de “concretização da alfabetização e do letramento”, cujo foco é nosso alvo em estudo. Nessa fase, o aluno se aprofunda mais aos textos, bem como também ainda está

presente a mentalidade mágica, porém ele irá buscar entender melhor suas vivências e o mundo que o cerca. Por isso, a leitura de textos literários pode ajuda-lo a compreender seu lugar no mundo, sem fugir da fantasia. Quanto às demais fases, são a fase de formação do leitor, que vai além da literatura infantil, pois é a iniciação de leitura críticas, entre 7º e 8º anos e leitura crítica entre 9º ano e ensino médio.

3.2 O papel do educador enquanto mediador da leitura

É imprescindível que se considere no debate sobre ensino e aprendizagem a importância do educador, pois este tem papel extremamente relevante nesse contexto e deve criar possibilidades para a produção ou construção de conhecimentos, visto que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”, conforme nos lembra Freire (2003).

O processo ensino aprendizagem requer grande comprometimento do educador, sua postura, atuação, bem como de todo o contexto escolar. Em que o ensino visa à aprendizagem, sendo este um fenômeno, um processo bastante complexo. Convém salientar que aprendizagem não é apenas um processo de aquisição de conhecimento, conteúdos ou informações. É também uma re-acomodação de conhecimentos prévios e uma preparação para a recepção de novos conhecimentos.

A instituição escolar, bem como o trabalho do educador, tem nos últimos anos grande função no processo de formação dos indivíduos. Por isso, a escola de hoje tem grande papel em tornar o sujeito hábil em ler e escrever os diferentes textos que lhe são disponibilizados. Essas habilidades favorecem a aquisição de novos conhecimentos na vida e no cotidiano de todo ser humano, em ambientes intra e extraescolar.

Tanto a escola quanto o professor possuem papel relevante o processo educativo, pois, ler e escrever são processos de construções e reconstruções de sentidos em relação ao que se vê, ouve, sente e pensa. Não é difícil identificarmos nos contextos escolares ensinamentos voltados apenas à leitura mecânica de livros didáticos, sem dar importância aquilo que faz parte do dia a dia das crianças, ou seja, placas de ruas, folhetos de propaganda, jornais, revistas, instruções de jogos e histórias em quadrinhos, entre outros materiais, que são leituras de textos reais que fazem sentidos para elas.

O ensino feito de forma exclusiva através do livro didático ainda é praticado nas séries iniciais, nível de ensino no qual se aprende a decodificar e soletrar sílabas e palavras soltas. É importante ressaltar, que neste tipo de método de ensino não se verifica uma

preocupação na formação de verdadeiros leitores, nem a prática do letramento, haja vista que não valoriza o significado do texto e nem as exigências sociais nos seus diferentes usos.

Nesse sentido, a escola como instituição de ensino, tem sido considerada como um dos sistemas mais resistentes às mudanças. É nesse contexto conservador e muitas vezes autoritário, que boa parte das crianças começa a adentrar no mundo das letras. Por isso, torna-se fundamental, em nossos dias, que a escola desempenhe um papel articulador no processo ensino e aprendizagem da leitura e da escrita.

Segundo Freire (2003), o ser humano começa a leitura de si e do mundo, para depois proceder à leitura das palavras. Deste modo, a compreensão dos textos, das palavras e das letras só tem sentido se houver uma contextualização com sua experiência vivida.

De acordo com resultados de processos avaliativos ampliados, como aqueles coordenados nacionalmente pelo INEP, as atuais práticas de leitura e escrita realizadas pelos docentes em sala de aula não atendem ao propósito básico a que se destinam: formar bons leitores e bons escritores na essência do ambiente escolar. Mas, muitas das vezes, o problema e as dificuldades a esse respeito são maiores do que se imagina, uma vez que transcendem às melhores intenções dos educadores.

Saber diferenciar e utilizar os gêneros textuais literários, é condição *sine qua non* para possibilitar um melhor desempenho do docente, pois este deve ser o grande mediador no processo de aquisição da leitura.

Para que a literatura cumpra seu papel no imaginário do leitor é fundamental a mediação do professor na condução dos trabalhos em sala de aula e no exemplo que ele dá a seus alunos, lendo e demonstrando, sempre que possível, a utilização do livro e o prazer que a leitura traz para o intelecto e a sensibilidade. (COSTA, 2007, p. 20)

Tudo isso significa que o processo da leitura deve ser incorporado de uma forma que o indivíduo sinta o prazer pela leitura e saiba reconhecer os benefícios que a mesma promove.

Todo sujeito deve ser estimulado a ler de uma forma que entenda esse processo e se posicione diante dos conceitos lidos. Não apenas seja instigado de que precisa saber ler e escrever para adentrar e satisfazer as exigências sociais, mas que efetivamente sinta a importância dessa ação no seu posicionamento diante do mundo.

Normalmente, há muitos profissionais que não são leitores, mas que pelo ofício do magistério têm que ensinar a ler, têm que enfatizar o prazer pela leitura. Daí vem a seguinte questão: como incentivar o gosto pela leitura se nem o professor gosta de ler e, na maioria das vezes, prioriza em suas aulas apenas livros didáticos? Alguns estudiosos enfatizam que o livro

didático traz geralmente uma visão distorcida de conhecimentos literários, haja vista que,

[...] O livro didático proporciona ilusão de um suposto conhecimento sobre literatura, uma vez que apresentam trechos de obras de autores clássicos e contemporâneos acompanhados de questões que objetivam levar o aluno a descobrir qual a temática, qual o estilo literário e a que escola pertence tal obra. (MAIA, 2007, p. 36)

Portanto, é importante o docente ser capaz de criticar o livro didático, não fechando sua discussão apenas a partir dos conteúdos trabalhados nele, mas levar os alunos a refletir sobre o que estão lendo, uma vez que o contato com diferentes gêneros textuais, desde as séries iniciais, pode proporcionar uma formação expressiva ao sujeito em desenvolvimento, além de ampliar conhecimentos e estimular a imaginação de quem ler. Uma das possibilidades poderia ser por meio de histórias infantis e juvenis, pois ouvir histórias é um acontecimento tão prazeroso, que desperta o interesse das pessoas em todas as idades. Se os adultos adoram ouvir uma boa história, a criança é capaz de se interessar e gostar ainda mais, já que sua capacidade de imaginar é mais intensa. Para tanto, é necessário que o educador proporcione um ambiente rico em diversidade de livros, de gravuras, que possam motivar as crianças a buscar nos livros ou nos desenhos que eles representam a fonte para o seu desenvolvimento.

CONCLUSÕES

No decorrer desse estudo ficou clara a contribuição que os textos literários podem proporcionar na formação dos futuros e atuais leitores, bem como a relevância do papel que o educador deve desempenhar em sala de aula para motivar os educandos a adquirir o hábito de ler, visto que este universo proporcionado pela leitura os possibilita maior criatividade, conduzindo-os a não passarem despercebidos pela escola, mas sim uma formação adequada a seu futuro profissional e social.

Desse modo, acreditamos que os textos literários podem ser um importante recurso no processo de letramento, uma vez que, caracterizarem-se por meio de aspectos sociocomunicativos e funcionais expostos em textos que circulam socialmente, favorecem não apenas a competência de habilidades escritas e linguística dos alunos, “mas também apontam as inúmeras formas de participação social que eles, como cidadãos, podem ter fazendo uso da linguagem”, nos afirma Porto (2009, p. 38).

Diante do exposto, este estudo nos possibilitou apontar, por um lado, a importância dos diferentes gêneros literários como instrumentos de aprendizagem no processo de

letramento, principalmente no que concerne a aquisição da leitura e da escrita, uma vez que não se trata apenas de instrumentos de uso da língua, mas também de instrumentos possíveis que favorecem a formação do leitor. Os textos conduzem os discentes a construir sua própria linguagem, nos diferentes gêneros, reorganizando assim, o conhecimento e o desenvolvimento de lógica e de sua aprendizagem no âmbito escolar. Por outro lado, essa pesquisa, ainda em construção, não visa dizer que essa visão sobre a contribuição do texto literário no processo de letramento e sua contribuição na formação do pequeno leitor é pronta e acabada, pois a intenção é contribuir com um novo olhar acerca do assunto abordado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor A. **Prismas – Crítica cultural e sociedade**. Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida, trad. São Paulo: Ática, 1998.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. V. 2. MEC/ SEF, 1997.
- COSTA, Marta Morais Da. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Ibipex Curitiba, 2007.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- KLEIMAN, Ângela B. (Org). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. – Campinas SP: Mercado de Letras, 2005.
- MAIA, Joseane. **Literatura na Formação de Leitores e Professores**. São Paulo: Paulinas, 2007 – (Coleção literatura de ensino).
- MARCUSHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- PORTO, Márcia. **Mundo das ideias: um diálogo entre os gêneros textuais**. Curitiba: Ayamá, 2009.
- SILVA, Odalice de Castro. **Uma ética para a leitura**. Coleção da crítica a sala de aula (orgs.). Campina Grande: Bagagem, 2008.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.
- TARTUCE, T. J. A. **Métodos de pesquisa**. Fortaleza-CE: UNICE, 2006.
- ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 11 ed. São Paulo: Global, 2003.